



**A cartografia amorosa de Lisboa: *A cidade de Ulisses*,
de Teolinda Gersão**

***The Loving Cartography Of Lisbon: The City Of Ulisses*,
by Teolinda Gersão**

Gabriela Silva

Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, Minas Gerais / Brasil
srtagabi@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6249-5166>

Resumo: A cidade é elemento indissociável de determinadas narrativas, constituindo o material imagético que serve de cenário para as ações das personagens. No entanto, muitas vezes ela se destaca por ser totalizante na construção feita pelo autor, que parte de escolhas e “recortes” significativos do ambiente urbano para compor a narrativa. O espaço urbano desvela-se através das personagens que percorrem diferentes âmbitos, de onde emergem sensações e sentimentos diversos. *A cidade de Ulisses*, romance de Teolinda Gersão, apresenta-nos uma “geografia amorosa” da cidade de Lisboa, desenhando-nos um mapeamento histórico e sentimental da cidade. Assim, a narrativa engendra-se através da revisitação e da recordação do narrador dos espaços afetivos e simbólicos de Lisboa. Este artigo propõe uma leitura do romance de Teolinda Gersão a partir de aspectos relacionados ao significado da cidade, assim como da apropriação da memória relativa aos ambientes urbanos. Gaston Bachelard (2005), Henry Bergson (2011) e Walter Benjamin (2009) são alguns dos autores que embasam a proposta dessa abordagem.

Palavras-chave: Teolinda Gersão; literatura contemporânea portuguesa; Lisboa.

Abstract: The city is an inseparable element of certain narratives, constituting the imagery material that serves as a backdrop for the actions of the characters. However, it often stands out for being totalizing the construction made by the author, which starts with significant choices and “cuts” from the urban environment to compose the narrative. The urban space is revealed through the characters that cross different areas from which different sensations and feelings emerge. *The city of Ulysses*, Teolinda Gersão’s novel, presents us with a “loving geography” of the city of Lisbon, drawing us a historical and sentimental mapping of the city. Thus, the narrative is engendered in revisiting and remembering the narrator from the affective and symbolic spaces of Lisbon. This article proposes a reading of Teolinda Gersão’s novel based on aspects related to the meaning of the city and the appropriation of memory related to urban environments. Gaston Bachelard (2005), Henry Bergson (2011) and Walter Benjamin (2009) are some of the authors that support the proposal of this approach.

Keywords: Teolinda Gersão/ contemporary Portuguese literature; Lisbon.

Em “Lisbon revisited”, poema de Álvaro de Campos, heterônimo pessoano, o eu lírico expressa o sentimento de amor e de saudade pela cidade de Lisboa. Na primeira versão do poema, publicada na *Revista Contemporânea* de 1923, o poeta enuncia a paisagem da infância, um “[...] céu azul – o mesmo da minha infância –” (PESSOA, 1986, p. 291) tocado pelo rio Tejo, “[...] ancestral e mudo” (PESSOA, 1986, p. 291). Aponta ainda que a cidade é, de fato, uma mágoa revisitada, de “[...] Lisboa de outrora de hoje” (PESSOA, 1986, p. 291). No poema de 1926, o sujeito lírico modifica-se e, em um amálgama de sentimentos e sensações que traz da “Cidade da minha infância pavorosamente perdida...” (PESSOA, 1986, p. 294), reforça as recordações que o conduzem à reflexão sobre como o tempo modifica o sujeito e a sua relação com o espaço, o qual é trabalhado, medido e alterado pela memória. Diz-nos Álvaro de Campos: “Outra vez te revejo – Lisboa e Tejo e –,/Transeunte inútil de ti e de mim,/Estrangeiro aqui como em toda a parte,/Casual na vida como na alma” (PESSOA, 1986, p. 294). Com efeito, a relação carregada de sensações de Álvaro de Campos com a cidade de Lisboa é de uma “revisitação” física, realizada através do espaço urbano e, em simultâneo, um passeio abstrato pela memória da infância. Tudo é revisto

e não permanece estanque. Como em uma fotografia ou pintura, a cidade se transformara, e o eu lírico conduz-nos a uma leitura e experiência por meio de um percurso que alterna o passado e o presente: “Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,/E aqui tornei a voltar, e a voltar,/E aqui de novo tornei a voltar?/Ou somos todos os Eu que estive aqui ou estiveram” (PESSOA, 1986, p. 294).

Henri Bergson (2011, p. 164), em *Matéria e memória*, apresenta-nos a leitura da imagem a partir da lembrança e da memória: “a imagem é um estado presente, e só pode participar do passado através da lembrança da qual ela saiu. A lembrança, ao contrário, impotente enquanto permanece inútil não se mistura com a sensação e não se vincula ao presente [...]”. A cidade de Lisboa é fonte de imagens para Álvaro de Campos, que se projeta na cidade da atualidade do próprio eu lírico, no passado da infância, reconhecendo espaços permeados de sentimentos latentes. A cidade é entendida como fornecedora da vivência pretérita e que incide na percepção atual.

Essa Lisboa, espaço de revisitação, memória e contínua manifestação dos sentimentos, é o mesmo local de *A cidade de Ulisses*, romance de Teolinda Gersão (2015). Publicada pela primeira vez em 2011, a narrativa é construída a partir do eixo sujeito-espaço-tempo, reconstituindo, a partir da memória do narrador, a cidade do enamoramento e que é cenário histórico e particularmente sentimental. A obra é dividida em Capítulo I (1. Em Volta de um Convite; 2. Em Volta de Lisboa; 3. Em Volta de Nós), Capítulo II (Quatro Anos com Cecília) e Capítulo III (A Cidade de Ulisses). Nos capítulos, misturam-se a Lisboa rememorada em sua cronologia e a própria fábula singular dos amantes, que têm na cidade o espaço da vivência cotidiana, histórica e amorosa.

A cidade de Ulisses é narrada por Paulo Vaz, artista plástico que é chamado para montar uma exposição sobre Lisboa. A organização e o planejamento do trabalho levam-no à memória de Cecília Branco, também artista plástica, com quem vivera um intenso relacionamento amoroso. Nas linhas do romance, misturam-se a memória afetiva, de eventos íntimos, com o mapeamento da cidade de Lisboa, cenário interativo das ações do presente e do passado e a história da cidade, revelando-nos a sua origem e desenvolvimento.

A Lisboa de *A cidade de Ulisses* é uma das muitas versões da cidade na literatura portuguesa, de Camões, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, José Saramago, Cesário Verde, Irene Lisboa, Fernando Namora,

Sophia de Mello Breyner, entre tantos outros que recuperaram o seu nascimento mítico, assim como a sua edificação e sobrevivência ao longo dos séculos, construindo, de Ulisses ao pós-25 de abril de 1974, uma trajetória da cidade que se expande nas narrativas e na poesia sob um viés particular e recortado da coletividade. Existe, portanto, um entre-lugar, ou seja, uma Lisboa dos amantes, do fado, da busca pela liberdade, das desventuras e de ruas repletas de memórias, em trajetórias e percursos diferentes. É isto que nos diz o narrador, ao enunciar que é um recorte específico sobre a cidade, tangenciado pela memória da amante, composto de retratos particulares do amor vivido, “uma cidade com trinta séculos baralha-nos as perspectivas” (GERSÃO, 2015, p. 16), e é preciso, portanto, escolher a Lisboa a ser contada. “A imagem é tudo, salvo um produto direto da imaginação” (BACHELARD, 1993, p. 17), aponta Gaston Bachelard em *A poética do espaço*. A cidade de Ulisses, das suas origens até o momento da construção da exposição pensada por Paulo, não é uma Lisboa somente imaginada, mas uma cidade vivida e percorrida em sua geografia e história.

“Pensar a literatura através da ótica da cidade permite um maior entendimento do homem moderno e suas condições de existência, sejam materiais ou espirituais.” (CRUZ, 1994, p. 19). De fato, a cidade é representada na literatura, ainda que tantas vezes desconstruída, multiplicada ou por meio da mais singela representação da sua toponímia e mapa. Ela incide no comportamento das personagens, atravessando as suas jornadas para compor traços predominantes da própria existência.

Renato Cordeiro Gomes (1999) apresenta uma leitura da cidade, colocando que ela pode ser inscrita enquanto texto, resultando de uma profusão de discursos – sentimental, material, histórico e político. A cidade fabulada é um lugar composto pelo imaginário de quem a reproduz e, assim, apropria-se da sua geografia original.

[...] indagar sobre as representações da cidade na cena escrita construída pela literatura é, basicamente, ler textos que lêem a cidade, considerando não só os aspectos físico-geográficos (a paisagem urbana), os dados culturais mais específicos, os costumes, os tipos humanos, mas também a cartografia simbólica, em que se cruzam o imaginário, a história, a memória da cidade e a cidade da memória. É, enfim, considerar a cidade como um discurso, verdadeiramente uma linguagem, uma vez que fala a seus habitantes: falamos a nossa cidade, onde nos encontramos,

quando a habitamos, a percorremos, a olhamos, como disse Roland Barthes (in “Semiologia e urbanismo”). A cidade escrita é, então, resultado da leitura, construção do sujeito que a lê, enquanto espaço físico e mito cultural, pensando-a como condensação simbólica e material e cenário de mudança, em busca de significação. Escrever, portanto, a cidade é também lê-la, mesmo que ela se mostre ilegível à primeira vista; é engendrar uma forma para essa realidade sempre móvel. Mapear seus sentidos múltiplos e suas múltiplas vozes e grafias é uma operação poética que procura apreender a escrita da cidade e a cidade como escrita, num jogo aberto à complexidade. (GOMES, 1999, p. 24).

Pois esta é a cidade reconstituída pelo narrador, uma Lisboa “pano de fundo, em geral desfocado por que a nossa atenção se dirigiria para outras coisas, só por vezes se centrava na cidade.” (GERSÃO, 2015, p. 34). Em um rastro de símbolos, signos e elementos que compõem a paisagem lisboeta, *A cidade de Ulisses* assemelha-se a um jogo de tabuleiro formado por peças móveis, organizadas pela memória do narrador. O sentimento pessoano surge-nos em todo o percurso da narrativa, como se fosse uma “Lisbon revisited” em uma “nova versão, assinada por nós” (GERSÃO, 2015, p. 16), conforme aponta Paulo Vaz ao pensar a organização da exposição. Era, de fato, uma outra Lisboa a ser revisitada e reinventada.

Sobre a relação de Ulisses com Lisboa não tínhamos portanto que inventar nada, já tudo tinha sido inventado havia dois mil anos, e essa história, porque tinha pés para andar, continuara a andar por séculos afora.

Que marcas do mito se encontravam ainda em Lisboa?

Na verdade, algumas: No Castelo de São Jorge a Torre de Ulisses, que já foi Torre do Tombo, onde escreveram Fernão Lopes e Damião de Góis; na Rua do Carmo a Luvaria Ulisses, sofisticada e pequeníssima, do tamanho de uma caixa de lenços; no Largo da Misericórdia a livraria Olisipo; a Ulisseia Filmes; a editora Ulisseia; e Fernando Pessoa fundara a editora Ulissipo, onde publicara o primeiro volume dos seus *E poemas ingleses*, as *Canções* de António Botto e *Sodoma Revisitada* de Raul Leal, e que logo depois falira. Não haveria talvez muitas mais memórias, pelo menos agora não estávamos a ver outras, mas registávamos pelo menos estas. (GERSÃO, 2015, p. 35).

A história de Ulisses,¹ tantas vezes lembrada, contada e desenhada pelas personagens, funde-se à própria história de amor vivida por Paulo e Cecília. Penélope e Ulisses formam uma das narrativas mais interessantes sobre amor e espera, e essa era a ideia que rondava os amantes. O mesmo mar navegado pelo herói mítico é o mar que envolve Lisboa, um mar de aventuras, de seres fantásticos, de desbravamento e conquistas. Uma cidade que procurou o mar, por ser a única saída viável: “Situada no Extremo Ocidente, entalada entre o mar e a Espanha, tão amiga quanto inimiga, Lisboa procurou o mar numa saída. E partiu. O verbo partir fazia parte de nós, era o lado do desejo, da insatisfação [...]” (GERSÃO, 2015, p. 47). Lisboa foi a Penélope que esperava o marido no retorno da guerra, todas as navegações, os descobrimentos, as investidas e o passado de glória e sofrimento com o mar sendo compensados com o retorno à cidade, “à beira-mar estendida”² como versa o fado cantado por Carlos do Carmo.

A mesma Lisboa é território de disputa entre cristãos e muçulmanos no século XIII, quando acabou sendo salva pelos cruzados³ – tema de *História do cerco de Lisboa* (1989), de José Saramago – e que também constitui parte da narrativa de Teolinda Gersão. A partir desse fio de Ariadne, responsável por resgatar o passado mítico, histórico e literário da cidade, que a autora constrói a Lisboa de Paulo e Cecília:

Lisboa era um lugar para ver o que lá estava e o que lá não estava mas nesse lugar já estivera, era um lugar para quem gosta de saber e está disposto a fazer esse trabalho prévio. Uma cidade a conquistar, em que se ia penetrando pouco a pouco e descobrindo, abaixo da superfície, outras camadas do tempo. (GERSÃO, 2015, p. 56).

A história dos bairros, como a Mouraria, lugar dos fadistas, da casa de Camões, dos judeus, ao lado de Alfama, o Castelo ou a Baixa; os miradouros, Nossa Senhora do Monte, São Pedro de Alcântara, do Castelo de São Jorge ou da Graça; do gigante Adamastor, da rua da Saudade, dos

¹ A história da fundação de Lisboa por Ulisses está no poema “Ulisseia ou Lisboa Edificada”, de Gabriel Pereira de Castro, publicado em 1636.

² Verso de “Lisboa Menina e Moça” fado cantado por Carlos do Carmo, composição de Ary Dos Santos, Fernando Tordo e Paulo Carvalho.

³ A narrativa de Saramago toma como motivo a invasão moura em 1147 em Lisboa e ajuda dos cruzados contra os invasores.

elétricos a subir e descer as ruas. São descritos os cafés, as pastelarias, suas esplanadas e cinemas, espaços onde a memória é construída através das sensações. Vista do alto de uma de suas colinas, Lisboa é uma “cidade-labirinto” onde se conjugam, por entre as suas estreitas e antigas ruas, dois planos de percepção: o presente e o passado resgatado. Ao mesmo tempo, para Cecília, era uma cidade feita de pedaços, de fragmentos como azulejos partidos, mas que formavam um desenho. *A cidade de Ulisses* podia então ser definida:

Uma cidade de linhas partidas, de perspectivas quebradas. Tudo era fragmentado em Lisboa, era preciso juntar pacientemente os pedaços para formar uma figura. Mas faltariam sempre alguns, encontravam-se a cada passo lacunas, interrupções, rupturas. Deparávamos com um conjunto de fragmentos, restos de cidades construídas umas sobre as outras, de épocas e civilizações que chegaram a um impasse e desapareciam. Deixando marcas. (GERSÃO, 2015, p. 58).

Ao analisar a obra de Marcel Proust, Georges Poulet (1992) distingue dois modos de perceber a cidade. A primeira é denominada de “lugar”, sendo composta por informações que dão o contexto que atribuem concretude às figuras; o “espaço” é um meio “indeterminado” em que as informações oscilam em torno das coisas, formando, por assim dizer, o campo do imaginário. Considerando a leitura de Poulet (1992) para pensar a cidade construída na narrativa, Lisboa, revisitada pelas personagens de Teolinda Gersão, não é uma cidade panorâmica, mas de uma focalização específica. Nela se alinham o lugar, na sua definição geográfica e toponímica, que delineaia suas características singulares capazes de estabelecer a materialidade, enquanto o espaço é definido pela memória, pela história e pelo modo como a cidade é habitada, percorrida e vivenciada. “Lisboa estava lá e cercava-nos, era impossível não a olhar, não tropeçar a cada passo” (GERSÃO, 2015, p. 66), diz o narrador, ao evocar que não era Lisboa que eles procuravam, mas a si mesmos. A cidade era o entre-lugar dos amantes, o espaço afetivo onde podiam viver juntos.

Ainda nas premissas de Bachelard (1993), existe o espaço íntimo e o espaço exterior, que estimulam um ao outro em seu crescimento. São, portanto, complementares, embora de diferentes constituições: “Designar, como fazem com razão, os psicólogos, o espaço vivido como um

espaço afetivo, não desce entretanto à raiz dos sonhos da espacialidade” (BACHELARD, 1993, p. 206). O espaço íntimo e, por conseguinte, afetivo, ao lado do espaço exterior, da experiência vivida, assumem na narrativa uma mesma expansão, uma vez que se complementam na cidade empírica de Paulo Vaz que, ao rever Lisboa, resgata também a imagem e a memória de Cecília, já morta. “O espaço surge então para o poeta como o sujeito do verbo desdobrar-se, do verbo crescer. Quando o espaço é um valor – e haverá maior valor que a intimidade?” (BACHELARD, 1993, p. 206).

É no capítulo “Em volta de nós” que o narrador apresenta-nos a relação íntima dos amantes com Lisboa, a partir das suas narrativas pessoais, opondo-se muitas vezes tal como “sombra e luz”. Cecília não nascera na capital portuguesa, era de Moçambique, e chega a Lisboa ainda menina, aos dez anos, logo no final de 1974, ano da Revolução dos Cravos, do fim da ditadura e do início dos processos de independência das colônias africanas. Portugal era, para Cecília, apenas um desenho no mapa:

No entanto na altura em que viste Lisboa pela primeira vez, no fim de 74, o colonialismo, a guerra, a revolução e os problemas que se atravessavam não faziam parte do teu horizonte. Chegaste de barco com a tua mãe (o teu pai tinha vindo depois), lembravas-te de passar o Bugio, a Torre de Belém, a ponte vermelha sobre o Tejo, a mancha do casario que se desenhava nas margens, de olhar com curiosidade a cidade desconhecida. Podias ver-te ainda com dez anos, debruçada no convés, no limiar de outro continente. (GERSÃO, 2015, p. 70)

Viver em Lisboa era uma escolha de Cecília, para quem a cidade se parecia com Lourenço Marques (Maputo). Decidira morar em Lisboa para estudar Belas Artes e, em breve, iria conhecer Paulo, que havia vivido em Berlim como estudante de 1976 a 1980. A cidade de Lisboa era agora parte de uma casa dividida, formada por uma cidade desconhecida e outra renovada, ambivalente dos imaginários dos namorados.

Paulo, ao recordar a juventude, a vida em Lisboa no tempo das Belas Artes e o fim da ditadura, recupera uma parte histórica importante do século XX:

Eu andei em comícios (gloriosamente, achava, porque o romantismo da revolução era embriagante), gritando slogans e palavras de ordem, passei noites a imprimir panfletos e a colar cartazes, no delírio de acreditar que íamos mudar o mundo. Tinha dezoito anos, sentia-me incrivelmente forte e terrivelmente feliz. Porque a nossa era também uma revolução de costumes e de sexo, de êxtase e liberdade em todos os sentidos. Amei com paixão várias mulheres, por amor da paixão em si mesma: seria eterna, mesmo que só durasse uma noite ou um dia. (GERSÃO, 2015, p. 83)

A juventude de Paulo leva-o à vivência política, assim como ao conhecimento do amor e da arte. Ao mesmo tempo, o pai militar, as relações familiares difíceis e a construção da própria identidade andam em paralelo à história que busca a revolução, em uma cidade que se modifica com a nova identidade política iniciada em 1974. Ana Isabel Queiroz e Daniel Alves (2012) apontam determinadas fases na trajetória da cidade de Lisboa, mas, de forma mais específica, interessam-nos duas que se configuram como o referencial histórico das personagens e da própria cidade:

[...] De 1926 a 1974, a Ditadura Militar e o Estado Novo, a repressão política, o efeito das guerras (mundial e colonial) e da emigração enquadram historicamente uma cidade que concretiza algumas obras emblemáticas, marcas de Duarte Pacheco; a cidade vive um paradoxal crescimento, com o centro a especializar-se nos serviços e a perder dinâmica demográfica, enquanto a periferia verifica um relevante aumento de construção de novas áreas habitacionais;

De 1974 à actualidade, depois da Revolução do 25 de Abril restaurada a liberdade e a democracia, Lisboa vê reforçadas algumas das tendências de terciarização e esvaziamento residencial do centro histórico e das áreas que se tinham expandido entre finais de Oitocentos e primeiras décadas de Novecentos; neste período, urbanizam-se algumas áreas na periferia do concelho dentro e fora dos seus limites administrativos. (ALVES; QUEIROZ, 2012, p. 3-4).

A tríade sujeito-espaço-tempo coloca-se aqui de maneira muito singular: Portugal, e mais especificamente ainda Lisboa, é o cenário da experiência de Paulo, sujeito que se modifica, constituindo-se como parte do momento histórico, vivendo intensamente o processo de luta

pela liberdade política. Concomitante a isso, Lisboa se altera também, modificando-se em espaços de habitação, públicos, artísticos e históricos. Renato Cordeiro Gomes (2008), em *Todas as cidades*, lembra-nos que, embora a história não seja uma linha de força determinante em uma leitura, ela se constitui como parte dessa ação. Ler Lisboa na obra de Teolinda Gersão é reconhecer que as personagens vivem a cidade na herança dos seus mitos, momentos fundamentais da sua existência como espaço político e afetivo. A cidade funde o racional geométrico de sua estrutura e a variedade de vivências dos sujeitos. De acordo com Gomes (2008, p. 23), a literatura que trata da cidade transforma-a em um labirinto de caminhos híbridos:

Aí ela é inscrita enquanto texto, lugar signo do mundo dos discursos, do material e do político. Textos que falam a cidade, ou onde ela fala, com sua capacidade da fabulação que embaralha a tendência racionalizadora, geometrizar, dos poderes que, com os desejos, os sonhos, as experiências e as vivências dos homens, a querem ordenar e controlar.

O olhar de Teolinda Gersão para Lisboa contém um profundo amor pela cidade, por todas as nuances que a constituem. *A cidade de Ulisses* transforma o leitor em um *flâneur* literário, uma vez que o narrador percorre caminhos da história, engendrando uma poética de Lisboa constituída por tempos diversos, assim como personalidades que habitaram suas ruas, bairros e espaços. Os passeios das personagens, também uma ação de *flanerie* na premissa benjaminiana, evidenciam a constituição humana e imagética da cidade. A respeito da ação do *flâneur*, que nos interessa sobremaneira aqui, Benjamin (2009, p. 462) coloca a seguinte definição: “Aquela embriaguez anamnésica, na qual o *flâneur* vagueia pela cidade, não se nutre apenas daquilo que lhe passa sensorialmente diante dos olhos, mas apodera-se frequentemente de simples saber, de dados inertes, como de algo experienciado e vivido.”.

A cidade e o seu imaginário são vividos de maneira única e irreversível quando se habita o seu espaço. É uma comunhão dinâmica e inesgotável, pois a cidade está sempre se modificando, seja em um sentindo emotivo ou abstrato. Outras vezes, a cidade modifica-se na sua estrutura, nas suas cores, prédios e múltiplos ambientes. A imagem está no espaço e o espaço detém o tempo, lembra-nos Bachelard (2005), por isso o imaginário da cidade é mutante. O campo de visão das personagens

de Teolinda altera-se com o passar do tempo, mostrando uma Lisboa edificada, originada no mito, disputada por mouros e cristãos, devastada por um terremoto, e que se adapta aos tempos, crescendo, transformando-se pelo modernismo e pela velocidade. É a mesma cidade que se reestrutura pela passagem dos anos de censura e, depois, de liberdade e do retorno das vidas controladas pelo sistema colonialista. São múltiplas as possibilidades de leitura da cidade.

Rosângela Cherem e Sandra Makowiecky (2012, p. 11-12), ao descrever a cidade como espaço de observação, apontam:

As cidades são de fato lugares reais, com cheiros e cores muito variados, texturas e sons muito próprios, mas são também lugares que proporcionam uma atração pelo diverso e o esquecimento de si, sempre cintilando pelos enredos que não conhecemos, mas que poderiam nos fazer suspender e alterar magnificamente nosso cotidiano tal como o espreitamos e vivemos até agora.

A Lisboa de Teolinda Gersão segue um espaço vivido pelas personagens, no apartamento dividido, no gato amarelo e vadio que é adotado por Cecília, no filho perdido pela queda na escada, na interioridade de um cotidiano compartilhado na casa. Externamente, a cidade dividida era a dos lugares distribuídos em suas funções sociais, como os cafés e as esplanadas repletas de gente a observar a vida. Depois da interrupção da gravidez, Cecília parte de Lisboa e segue para Londres. Paulo dá-se conta de que ela não voltaria, afinal o filho desaparecido e não desejado por ele era o rompimento do elo entre os amantes. Tal Penélope, ele manteve a espera por um longo tempo, até ser interrompida pela certeza do não regresso de Cecília: “E Lisboa desapareceu contigo.” (GERSÃO, 2015, p. 153). Em um terremoto imaginário causado pela ausência de Cecília, ele entende que “Lisboa ruiu” (GERSÃO, 2015, p. 154).

A terra tremeu, debaixo dos meus pés, as casas oscilaram para cima e para baixo, para um lado e outro, durante minutos que pareceram séculos. Depois os telhados começaram a cair, as paredes desmoronaram-se, uma nuvem de pó cobriu o sol, não se via nada nas ruas, só se ouviam gritos, havia gente que gritava, meio soterrada no meio dos escombros pessoas e animais fugiam, e outros eram esmagados pelas casas que continuam a cair, havia pessoas nuas, des calças, em camisa de noite, pelas ruas e praças, deflagraram incêndios em vários locais ao mesmo tempo,

havia gente morrendo, sufocada ou queimada, os bombeiros não conseguiam passar, nas ruas estreitas, a Baixa desaparecia em chamas, o Chiado deixava de existir. Candeeiros tombavam, árvores abatiam-se sobre carros, esmagando quem lá ia dentro, as pessoas fugiam das casas, mas também nas ruas se abriam crateras. Mesmo no Campo Grande e na zona do aeroporto onde muitos procuraram abrigo porque havia menos construções, o chão abriu-se e engoliu passeios, árvores, pessoas, autocarros, e depois o rio rebentou as margens e veio subindo, com o mar atrás dele, uma onda gigante galgou o Terreiro do Paço e subiu até à Rotunda arrastando tudo consigo, navios, barcos, amarras, paredes, casas, igrejas, multidões em fuga – Lisboa desapareceu contigo. (GERSÃO, 2015, p. 154)

A Lisboa destruída era o começo de um novo tempo para Paulo e Cecília. Ela seguiria a sua vida em Londres, tornando-se uma artista plástica reconhecida, enquanto ele reconstruía uma Lisboa para si, retomando o trabalho, o amor e atravessando o oceano para viver nos Estados Unidos, depois Milão e, por fim, Lisboa novamente para exposições e trabalhos. A cidade não era mais a mesma dele e de Cecília: “Achei Lisboa uma cidade triste. Para onde quer que olhasse era incaracterística, cheia de grandes construções banais.” (GERSÃO, 2015, p. 165).

Assim, a Lisboa de Paulo e Cecília não existia mais, desmoronara com o terremoto causado pela partida da amante. Não era mais a Lisboa do desassossego de Fernando Pessoa e de seus cafés. Nem dos fados de Amália Rodrigues ou dos pintores e artistas que a haviam pensado e representado. A Lisboa de agora era outra, já intrinsecamente ligada à Sara, o novo amor. Cecília havia falecido em um acidente de carro, e tudo o que lhe restava agora era montar a exposição a partir do olhar da amante desaparecida. O amor vivido não era melancólico à moda portuguesa, não era um amor de Pedro por Inês, como enuncia o narrador, não tinha nada de fúnebre. Existia, agora, um jogo de olhar para a Lisboa do passado, nos cadernos de Cecília, entre cartas, descrições e detalhes da história da cidade, do fado, das suas tristezas e espaços.

“A cidade de Ulisses”, capítulo final da narrativa, é o encontro de todas as Lisboas, a mais antiga, mítica e povoada de disputas e sobrevivências ao longo do tempo, e a cidade amorosamente construída pelos amantes. A Lisboa revisitada de Álvaro de Campos, a aldeia do mais belo rio, a cidade-mulher dos fados. Um segredo qualquer se

esconde nas suas ruas, uma musicalidade expande-se por seus espaços. Agora Lisboa era o regresso de Paulo, era a memória de Cecília, e todas as outras cidades em camadas ao largo do Tejo. Paulo precisava montar a exposição, e todas as cidades rememoradas, agora estavam ali, nos cadernos de Cecília, na memória dos amantes percorrendo a cidade. “O espaço convida à ação, e antes da ação a imaginação trabalha.” (BERGSON, 1993, p. 31), diz-nos Bergson. E toda a imaginação de Paulo atravessou os tempos, revelou histórias e numa comunhão com a cidade de Cecília, reconstruiu uma Lisboa para ser o mote da exposição pedida pelo Centro de Arte Moderna.

Teolinda Gersão, em entrevista⁴ a propósito do lançamento da obra, comenta que é um livro sobre o amor e de amor por Lisboa. Uma cidade que traz em si trinta séculos de história, constituindo uma fonte inesgotável para o imaginário de muitos escritores portugueses. A partir desse amor, uma outra visão da cidade é construída, diferente de todas as outras. Lisboa nunca é igual nas obras. “Outra vez te revejo,/Com o coração mais longínquo, a alma menos minha.”(PESSOA, 1986, p. 294), diz-nos Álvaro de Campos, mas é mais do que visitar e rever, é recriar uma Lisboa – Olisipo, tomando por base um sentimento de pertença e de reconhecimento da sua história mítica e afetiva. *A cidade de Ulisses* é uma obra que escreve uma cidade a partir da experiência vivida e do conhecimento da sua natureza geográfica. Na narrativa, existe uma cartografia amorosa, feita de conexões, passagens, representações de espaços e sensações compartilhadas. Trata-se de um itinerário sentimental, o qual se ocupa de reconhecer a matéria que constitui a cidade na realidade do presente e na rearticulação do passado. Espaço compartilhado, na sua imensidão, como nos diz Bachelard (2005), fundamenta uma espacialidade imagética – que conjuga a intimidade das personagens – e o material histórico conhecido pela coletividade. É, afinal, um livro sobre a poética de Lisboa que se reconstrói na e pela imaginação de cada poeta e ficcionista.

⁴ Entrevista à RTP (GERSÃO, 2011).

Referências

ALVES, D.; QUEIROZ, A. I. *Lisboa, lugares da literatura história e geografia na narrativa de ficção do século XIX à actualidade*. Lisboa: Apenas, 2012.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CHEREM, R. MAKOWIECKY, S. (org.). *Registros sobre ascidades: entre pedras, tintas e letras*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2012.

CRUZ, Claudio. *Literatura e cidade moderna*. Porto Alegre: EDIPUCRS-IEL, 1994.

GERSÃO, Teolinda. *A cidade de Ulisses*. Lisboa: Sextante, 2015.

GERSÃO, Teolinda. Porque Teolinda Gersão escreveu *A Cidade de Ulisses*. RTP: Rádio e Televisão de Portugal, Lisboa, 2011. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/porque-teolinda-gersao-escreveu-a-cidade-de-ulisses/>. Acesso em: 20 de março de 2021.

GOMES, Renato Cordeiro. A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema. *Ipotesi: revista de estudos literários*, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 19-30, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19219>. Acesso em: 20 março de 2021.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, Rio de Janeiro 1986.

POULET, Georges. *O espaço proustiano*. Trad. Ana Luiza B. Martins Costa. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Data de recebimento: 11 de abril de 2021.

Data de aprovação: 15 de janeiro de 2022.